

## YKAMYABAS: MITO E RESISTÊNCIA NAS MARGENS POÉTICAS DA AMAZÔNIA

YKAMYABAS: MYTH AND RESISTANCE AT THE AMAZON POETIC MARGINS

Renata Aguiar / UFRJ

---

### RESUMO:

Percorrendo os mitos e histórias das Ykamyabas – tribo de mulheres sem maridos que viviam na região do baixo Amazonas –, o presente artigo colhe os vestígios deixados por seu imaginário mítico na relação arquetípica da mulher selvagem em narrativas que chegam principalmente pela oralidade, de modos de vida que subvertem a cisão do mundo operada pelos dualismos cultura/natureza, masculino/feminino, corpo/mente. Articulando cenas criadas na fotografia, busca reconstruir realidades, num conhecimento revelado pelo fato mítico do sonho, do fazer-se artista, da subjetividade investida de corpo na produção poética política como forma de resistência de corpos dissidentes da Amazônia, plantando pistas para outros mundos possíveis.

### PALAVRAS-CHAVE:

Amazônia; Feminino; Mito; Resistência; Fotografia.

### ABSTRACT

*Going through the myths and stories of the Ykamyabas - a tribe of women without husbands who lived in the region of the lower Amazon -, this article collects the traces left by their mythical imagery in the archetypal relationship of the wild woman in narratives that arrive mainly through orality, in ways of life that subvert the split of the world operated by the dualisms culture / nature, male / female, body / mind. Articulating scenes created in photography, he seeks to reconstruct realities, in a knowledge revealed by the mythical fact of the dream, of becoming an artist, of the subjectivity invested in the political poetic production as a form of resistance from dissident bodies in the Amazon, planting clues to other possible worlds.*

### KEYWORDS

Amazon; Feminine; Myth; Resistance; Photography.

## Introdução

É preciso dizer-lhe que tua casa é segura  
Que há força interior nas vigas do telhado  
E que atravessarás o pântano penetrante e etéreo  
E que tens uma esteira  
E que tua casa não é lugar de ficar  
mas de ter de onde se ir

Max Martins

Tenho no fundo dos olhos a imensidão do rio e a imensidão do ar, conheço florestas com verdes a perder de vista, minha terra é imensa, de horizontes continentais, nasci em Uruará, uma cidade ribeirinha do baixo Amazonas, cresci entre Rondônia e Pará, cercada por águas e florestas sem fim. Descobri, viajando, imensidões com as quais não estava familiarizada, paisagens tão distantes da minha, tão gigantescas, que não deixavam o olhar repousar sobre o horizonte, foram grandezas verticais, que me inspiraram “sonhos de voo” sussurrados por Bachelard. Em busca desses sonhos percorri muitas cidades, vivi muitas vidas e usei umas tantas máscaras, no entanto, todos esses caminhos me levaram de volta para a Amazônia, profunda e misteriosa origem que relutante resolvi afinal pesquisar: é preciso ter de onde partir.

Não desejo aqui fazer um autorretrato ou narrar minha experiência particular, desejo investigar uma raiz profunda e ancestral, cartografar a geografia de um lugar entre o sonho, o mito e a memória, desejo navegar, fluir, seja olhando para o que reflete o espelho d’água ou mergulhando nas suas profundezas barrentas, nesse lugar de afeto onde recolho ou planto pistas para outros mundos possíveis. Vontade que surgiu porque cresci ouvindo histórias e essas histórias acenderam em mim uma chama ancestral, refletida em um corpo de memória, um corpo construído numa profunda relação com o lugar habitado, um lugar misterioso e singular, Amazônia como morada de entidades míticas e cotidianamente vivenciada com imagens e sons de uma realidade prenhe de ficções e lógicas próprias, um território sagrado. Num mundo onde a cisão entre sagrado e profano, vida e sonho, natureza e cultura, masculino e feminino não foi ainda completamente operada, é a realidade do mito, fabulado pela imprecisão da memória, das histórias orais e da imagem poética, que proponho cartografar, caminhando pelas ancestralidades sagradas que fazem emergir ali o arquétipo da mulher selvagem nas narrativas sobre as Ykamyabas, mulheres guerreiras que viviam na região do baixo Amazonas, histórias recontadas nas minhas narrativas fotopoéticas.

Foi pela fotografia que adentrei à Arte, esse coexistir de mundos, que me permitiu circular em diversos ambientes. Meus modos de desvendar e falar sobre a fotografia enquanto arte e suas particularidades, nunca deixaram de ser um olhar sobre o mundo vivenciado, um mundo no qual a Amazônia se faz presente por ser o ponto de encontro e de partida comum dos trabalhos desenvolvidos. Nesta perspectiva há uma significativa diferenciação entre os que elegem a região como tema de suas imagens e essa diferenciação se dá no como esse tema é apresentado. Nas décadas finais do século XX e início do século XXI muitos outros fotógrafos foram, retornaram e continuam indo e vindo à procura de uma visibilidade e de uma visualidade amazônica conectora dos processos de construção da representação do lugar, sem considerar esse lugar de forma dicotômica: natureza x urbanidade. A partir desse olhar surge um discurso sobre as especificidades amazônicas e a sua representação não estereotipada pela fotografia, em contraposição a imagem amplamente aceita e bem quista pela mídia, que trata a Amazônia como exótica, lugar sobre o qual se fala, mas que não fala de si.

A constância dos dualismos que fazem um corte entre natureza/cultura, corpo/mente, sujeito/objeto tem atormentado minhas formas de viver, pesquisar e fazer arte. Não foi sem alguma agonia que percorri a fronteira que separava (ou separa?) formas de fazer e teorizar arte, das práticas culturais e artísticas que me traziam prazer e vitalidade. Tudo se tratava então de um jogo de máscaras. Pelo artifício da pose em justaposição ao relato oral de mulheres encarceradas, busquei criar uma noção de identidade no retrato fotográfico no ambiente prisional feminino do Estado do Pará<sup>1</sup>, mas me parece hoje, que o que fiz foi demonstrar que o outro existe (SONTAG, 2004).

É Clarice (LISPECTOR, 1999) quem me fala, que apesar de anos de verdadeiro sucesso com a máscara, de repente essa máscara de guerra parte-se toda no rosto, lama seca; o rosto agora nu, maduro, sensível se dá a ver, é o lugar das fragilidades, das memórias. A busca por esse rosto é mergulho e superfície que pretendo percorrer, sobretudo, como água, como nau, num desejo de construção mais fluida de pesquisa-arte-vida.

Confiar na arte talvez seja o primeiro passo para pensar uma pesquisa que propõe o poético como meio para conhecer o mundo, assim, foi percorrendo um acervo constituído por obras de arte, registros, performances, textos, hipertextos, processos ou vivências cotidianas do lugar de origem e afeto, que busquei narrar e recriar territorialidades, entre o mito e a fronteira (CASTRO, 2011) de uma Amazônia vivida e imaginada, partindo da hipótese de que poéticas políticas de corpos dissidentes podem rearticular as relações cindidas pelas dualidades e nos reintegrar ao mundo.

Para tanto percorri os caminhos do pensamento ocidental buscando operar um giro epistemológico, coletar as pistas ancestrais que resistiram ao gradual desencantamento do mundo e plantar pistas e sonhos para mundos possíveis. Assim, esse texto é um convite às águas e aos mistérios ocultos do inconsciente coletivo de um feminino submerso que, no entanto, ressurgiu como o corpo sagrado que resiste a morte e a submissão, se apresentando nas narrativas ancestrais que em suas múltiplas aparições resistem na Amazônia através das Ykamayabas e seus mitos fundadores.

### **Cair sem colapsar**

A busca pela representação do lugar, – desse que não é qualquer outro senão o que se me apresentou na cotidianidade, íntimo, particular e imenso, dilatado pela contiguidade das águas, ruas, becos e estradas – me levou a percorrer os caminhos “manipulando o aparelho, apalpando-o, olhando para dentro e através dele, a fim de descobrir sempre novas potencialidades” (FLUSSER, p.42, 1985), procurando perceber os cantos obscuros e pouco visitados do universo fotográfico, espaço debilmente iluminado pela chama midiática, tentando construir para além do lugar comum do mercado e das padronizações das identidades e discursos homogeneizantes, uma fotografia que realizasse um universo fotográfico diverso e constitutivo de subjetivações não programadas (PAIM, 2012). Assim foi que depois de muito vagar retornei as origens e me lancei à experimentação entre o sonho e a memória presente nas histórias das Ykamayabas e seus mitos fundadores, que viviam na região do Rio Nhamundá, afluente do Rio Amazonas, que assim foi denominado em referência às mulheres guerreiras da mitologia grega. Foi Francisco de Orellana, que navegou o grande Rio de Quito até o Oceano Atlântico entre 1540 e 1542, quem primeiro descreveu em cartas a Espanha, o encontro com “índias” sem maridos que revidavam o combate, manejando com destreza o arco e a flecha. (COSTA, SILVA e ANGÉLICA, 2002).

Os registros escritos que comprovam a existência dessas guerreiras são escassos, no entanto, na Amazônia contemporânea são muitas as referências às mulheres que vivem sem maridos e guerreavam contra todos que tentassem invadir seus domínios, são pesquisas antropológicas ou artísticas que se baseiam em vestígios arqueológicos de sua existência histórica ou reconstroem suas narrativas míticas, histórias passadas oralmente de geração a geração. Esses mitos e histórias falam de mulheres que existiam de forma livre ou diversa do constructo de gênero socialmente relegado a mulher, não só, mas principalmente pela cultura ocidental,

branca, patriarcal, judaico-cristã, binária, heteronormativa. Elas são ecos de saberes ancestrais, que nos entregam hoje conhecimentos antigos que foram apagados ou quase destruídos.

Histórias que chegam pela oralidade, e estão presentes em quase todas as culturas, podem nos oferecer um vislumbre da força da mulher selvagem e nos mostram caminhos para retornarmos a ela, toda vez que se faça necessário. (ESTER, 2014). Cresci ouvindo e sonhando com essas histórias e sentindo seu chamado voltei ao meu lugar de origem – Urucará – para percorrer rios e terras seguindo as pistas deixadas pelas *Ykamyabas*.

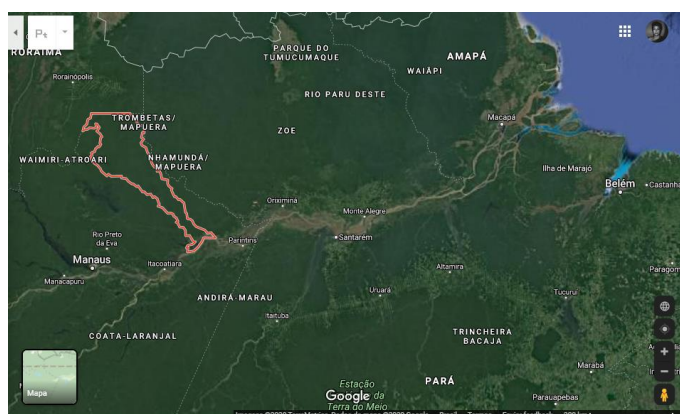


Figura 1: Localização da cidade de Urucará/AM, 2020. Imagem disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/>>

Em uma viagem, sobretudo familiar, imergi no cotidiano pacato de uma cidade que tem como único acesso o rio e sem marcar encontro me deparei com mulheres que cantam, dançam e amam a si mesmas, aos homens e a tudo que constitui seu lugar. Elas surgem nas matas, nas ruas, nuas e armadas, elas se banham nos espelhos d'água, vêm da roça de enxada na mão, com chapéu de palha e galocha, elas coletam cupuaçu, bacuri e debulham açaí, elas saem de suas casa e levam os filhos pra escola, elas andam de rabetá, remam no casco ou pilotam motos, são muitas e diversas, elas surgem nos sonhos e se apresentam na cotidianidade.

Sonhar é para mim um processo de olhar para trás e para frente ao mesmo tempo, reconhecendo e honrando as ancestrais, enquanto vislumbro o que ainda não existe, assim foi que com a ajuda da minha mãe adentrei a floresta e os igarapés para deixar fluir o arquétipo da mulher selvagem:

Do ponto de vista da psicologia arquetípica [...] ela é a alma feminina. [...] Ela estimula os humanos a continuarem a ser multilíngues: fluentes no linguajar dos sonhos, da paixão, da poesia.



Ela sussurra em sonhos noturnos [...] Ela é quem se enfurece diante da injustiça. Ela é a que gira como uma roda enorme. É a criadora dos ciclos. É à procura dela que saímos de casa. É à procura dela que voltamos para casa. Ela é a raiz estrumada de todas as mulheres. Ela é tudo que nos mantém vivas quando achamos que chegamos ao fim. Ela é a geradora de acordos e ideias pequenas e incipientes. Ela é a mente que nos concebe; nós somos os seus pensamentos. (ESTÉS, 2014, p.37)

As ciências modernas, desde muito encarceraram o feminino pelo pensamento dualista que o fundamenta. Foi assim que vimos à mulher e a feminilidade serem construídas e perspectivadas “como uma metade dos seres livres” (ARISTÓTELES, 2004, cap. IV, p. 17), sendo concebida como uma forma de vida humana inferior por sua matéria corpórea associada a animalidade na cultura ocidental, assim como nas disciplinas humanistas.

Com o surgimento do “homem da razão” vemos a produção do dualismo cultura/natureza nas relações sexualizadas homem/mulher, com uma patente dominação masculina sobre o ser “menos humano”, uma categoria entre o humano e o não humano que definiu o constructo do ser mulher, surgido de uma racionalização do mimetismo biológico que pretendia comprovar como “natural” a relação do corpo feminino com a natureza. Assim o cógito cartesiano, “penso, logo existo” jogou definitivamente o corpo para fora das questões filosóficas, pois compreendido como um fora do sujeito, e inserido na ordem de leis da natureza, portanto pertencente ao mundo do sensível, fonte de confusão da razão e obscurecimento do pensamento.

O pensamento cartesiano, método filosófico fundamental do saber moderno, legitimou a cisão corpo/mente, dando a partir da objetividade e racionalidade, contribuição basal para o homem se pensar como sujeito soberano, subjetividade autônoma e racional diante do mundo objetificado de uma natureza que existe para fora dele e que em geral tem o estatuto do feminino. Assim também o empirismo prático de Francis Bacon, que em certa medida é aliado da teoria cartesiana, define a natureza a partir de uma correlação do feminino como um modelo mecânico uniforme, que pode ser compreendido e controlado. A metáfora que Bacon (2012) constrói em seu texto “O nascimento do tempo masculino” é de um estupro, ou seja, “o poder da natureza é tomado à força para que seus mistérios sejam devassados pelo cientista”, como afirma Rita Therezinha (SCHMIDT, 2012, p. 236).

Desta forma empirismo científico e racionalismo filosófico corroboram e mutuamente constroem a ideia dos dualismos cultura/natureza, mente/corpo e

sujeito/objeto, hierarquizados pelo ideal de uma mente que transcende o corpo sexuado, mas que é objetivamente masculina, pois seu lugar de diferença se dá no feminino constituído por sua corporeidade material, comumente relacionada aos animais e reduzidas a máquinas reprodutivas.

Apesar das variáveis que incidem sobre o percurso histórico na construção do pensamento ocidental, os dualismos que apartam corpo/mente, cultura/natureza e se reproduzem no paradigma binário homem/mulher, perpetuam uma metáfora que exclui da razão a natureza e, portanto o feminino como sua representação, das práticas hegemônicas do saber/poder ocidental, e desvalorizam a natureza e todas as formas de existência “não humana”, já que o humano racional objetivo é abalizado pelo masculino. Assim este mascaramento falocentrista fabrica uma verdade única, como demonstrando por Judith Butler ao examinar a manipulação epistêmico-discursiva na construção do ser mulher como “fato natural” pelo sistema ontológico que produz o natural como se fosse o efeito de um real original e inevitável (BUTLER, 2003).

Numa leitura crítica dessa história percebo as similaridades entre os fenômenos que conectam o desenvolvimento do racionalismo e conhecimento científico da natureza, pautado na dominação do feminino/natureza, com os processos de expansão colonialista da Europa que lavaram a exploração e conquista de outras gentes consideradas incivilizadas, selvagens: os “quase humanos”. Um modelo exploratório que nos colocou em uma crise ecológica de proporções planetárias, numa lógica de produção e consumo que exaure os recursos terrestres.

Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair? (KRENAK, 2019, p. 57)

Essa queda que me interessa, a vertigem do giro epistemológico dos eixos até então estabelecidos na minha prática de pesquisa em artes, o abismo que se apresenta como possibilidade de deslocamento. É assim que volto minha atenção aos mitos amazônicos e suas apresentações do feminino e dos seres que são entidades muitas vezes quase humanas, onde a fronteira dual que separa humanos e não humanos, natureza e cultura, não foram completamente estabelecidas. Apesar das investidas colonizadoras e colonizantes dos corpos-mentes, a Amazônia em seu imaginário próprio, resiste à homogeneização e entrega no hoje, histórias e mitos que estabelecem uma outra forma de ser e estar em relação com o mundo.

Até então estive imersa na investigação da fotografia a partir de seu entendimento como imagem técnica, que é a imagem produzida por um aparelho e este por sua vez é texto científico aplicado. Flusser (1985) diz que as imagens técnicas pretendiam ser janelas para o mundo, mas ao interporem-se entre as pessoas e o mundo, passaram a ser biombos, no entanto, e aí mora a contradição, essa perspectiva é um subproduto cartesiano, da noção de interno e externo, o suposto representacionismo da imagem se baseia na ideia de que é possível observar exteriormente os fenômenos. No entanto:

[..] o “conhecedor” não permanece na absoluta externalidade em relação ao mundo natural investigado — não há tal ponto de observação exterior. (BARAD, 2017, p.31)

Fotografar é fazer surgir outro mundo, articulando cenas e reconstruindo realidades, mas é o conhecimento permeado pela realidade do mito, das narrativas orais e das histórias que nos quisermos fazer esquecer, “do lugar onde são possíveis as visões e os sonhos. Um outro lugar onde a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho” (KRENAK, p.65, 2019) que intuo ser o lugar da arte, do fazer-se artista, um lugar onde tenho cada vez mais me interessado em empenhar de forma expressa e performativa a materialidade mesma da minha existência, uma existência em tudo marcada pelas relações dadas não só pela subjetividade, mas investida de corpo, imbricadas em uma “dupla sensação”. Assim:

[...] a experiência subjetiva do corpo como forma sensível sublinha a indissociabilidade dos espaços corporais e psíquicos, desfazendo a oposição entre o interior e o exterior, o dentro e o fora. É precisamente essa interrelação que torna possível a inscrição do corpo e da subjetividade no eixo da diferença e do desejo, o qual se reveste de implicações políticas, uma vez que a diferença sexual não é apenas uma abstração, mas se materializa em um corpo, o corpo é de uma mulher e esse corpo é matéria da subjetividade, é o que lhe dá substância e existência. (SCHMIDT, 2012, p. 247)

Para a construção de um mundo ampliado nas possibilidades de uma realidade constituída em rede aberta e constante movimento, onde para além de sujeito isolado ou preso a dicotomia corpo/mente, cultura/natureza, me percebo em coletivo que se auto-organiza na coletividade. Assim, vontades, desejos, decepções e lutas expressas em ações e atitude, não são configurações puramente individuais, mas da abrangência política, ecológica e social que me compõe. Dessa forma poéticas políticas, quando instauram no campo da imagem a existência que há muito tempo estava oculta ou suprimida da selvagem - uma força feminina,



marginal, indomada, livre - podem “resselvagizar” as relações entre humanos e não humanos, cindidas pelas dualidades e conseguinte subjugação da “natureza” e nos reintegrar ao mundo, antes que este se desintegre, pois mesmo que sejamos ainda geneticamente selvagens, nossos corpos/mentes são a muito domesticados:

Com a educação, fomos subjugados psicologicamente, com a tecnologia, nossos sentidos foram anestesiados e a especialização nos despiu de nossas habilidades de sobrevivência mais básicas. Resselvagizar requer, portanto descolonizar a mente, afiar os sentidos e readquirir habilidades. (WORKMAN, 2015, p. 5)

Estudos antropológicos de povos primitivos ou incivilizados que não praticam a agricultura ou o pastoril apontam essas sociedades como tendo um alto grau de igualdade e autonomia pessoal, lideranças e chefias não são coercitivas e que muitas vezes se alternam dependendo da situação ou período, todos tem acesso igual aos meios de subsistência e não há uma noção de propriedade da terra ou do alimento (a caça não é do caçador, mas é repartida entre todos os indivíduos da comunidade, ao que Marx chamou de “comunismo primitivo”). Percebo ainda nas histórias sobre as Ykamyabas e seus modos de vida, a desconstrução de diversas lógicas disciplinadoras dos corpos femininos e das práticas de exploração do planeta, como por exemplo, a alusão a não monogamia praticada pelas mulheres, a experiência do afeto e da sexualidade livres, em dissonância com qualquer heteronormatividade como hoje conhecemos, apresentação das forças masculinas e femininas de forma não hierarquizada, essas são questões que reafirmam o conteúdo decolonizador do imaginário amazônico apresentado pelas histórias das Ykamyabas e seus mitos. A seguir narro uma história que é um convite à floresta, às plantas, às águas e aos mistérios ocultos do inconsciente coletivo de um feminino submerso que, no entanto, ressurgem como o corpo sagrado que não pode morrer e se apresenta nas forças ancestrais das deusas que em suas múltiplas aparições resistem.

### **As Ykamyabas e o nascimento dos Muyrakytãs**

Contam as mais velhas histórias que no vale da lua, escondidas dos homens para além da serra *Yacy-taperê* viviam guerreiras que não desejavam ou permitiam entre si a presença masculina, elas eram conhecidas como Ykamyabas, as filhas da lua, caçadoras noturnas, hábeis com o arco e a flecha, versadas nos mistérios das plantas, irmãs e amantes da Lua, as mães dos muyrakitãs.

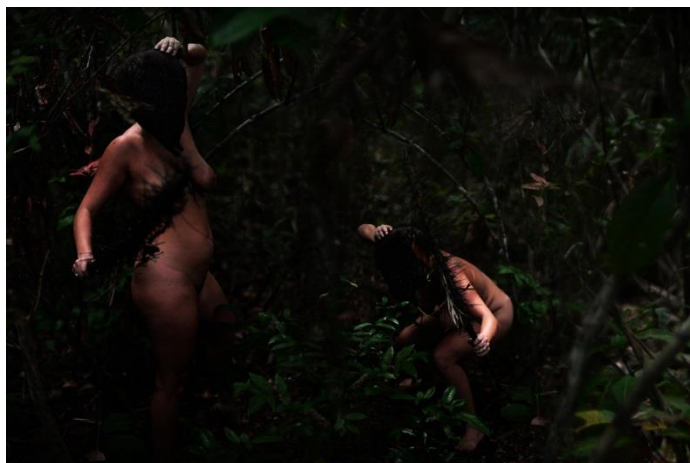


Figura 2: Ykamyabas, 2019. Fotografia. Acervo da artista.

Uma vez por ano as guerreiras realizavam uma grande festa, próxima a nascente do rio Jamundá (Nhamundá ou Yamundá), em homenagem a sua mãe, Yacy - senhora de todos os ciclos, mãe das plantas e rainha da noite. Elas dançavam, cantavam e tocavam seus instrumentos de pau e corda, riam e se divertiam umas com as outras. Pouco antes da meia-noite, quando a lua estava quase a pino, iam em procissão ao lago do espelho da lua, o *Yacy-Uaruá*, carregando nos ombros potes cheios de perfume feitos com todas as ervas cheirosas do mato, que eram despejados nas águas escuras do lago espelhado onde se atiravam para um banho purificador.

À meia-noite, quando a lua se refletia na face lisa do lago, chegavam os Guaçaris, filhos do sol, guerreiros de lança, pescadores diurnos que sabiam os segredos dos animais. Eles eram especialmente convidados para a festividade, quando só então lhes era permitido atravessar as fronteiras do território das mulheres. A luz do luar, tomados por Rudá – o mensageiro, que não conhece a luz ou a escuridão e desperta o coração dos viventes - a festa continuava com música e dança que se intensificavam até o orgasmo geral. Após fazer amor com os Guaçaris, as Ykamiabas mergulhavam e traziam do fundo do lago um barro mole e verde, ao qual davam formas batraquianas: os *muyrakyatãs*, que endureciam ao ser retirados da água. Com esses objetos presenteavam seus amantes, que deveriam trazer o amuleto pendurado ao pescoço.



Figura 3: O nascimento do Muyrakytã. Fotografia. 2019. Acervo da artista. 2019. Fotografia. Acervo da artista.

Ykamyaba é toda a mulher que aprendeu a lidar com a noite e com as ervas, é a bruxa, a guerreira, a mãe, a amante, é a filha da lua, irmã e amante do sol, irmã e amante das estrelas, é parente de todo ser vivente, é mãe das plantas, caçadora, ela canta, dança e ri alto, ela sabe girar e entende do tempo e dos ciclos, ela vive entre as mulheres, e os homens se aproximam quando convidados.

## Conclusão

Entendo que arte constrói discursos que são difundidos, valorados e apropriados pela sociedade, principalmente pelas mudanças que a revolução industrial e a reprodutibilidade técnica do início do século XX trouxeram para forma como artistas, fotógrafas e os meios de comunicação lidam com obras e imagens fotográficas. Percebo mais recentemente que para além dos discursos, a arte instaura realidades e funda mundos, performando práticas e ações que agenciam relações. Como as fronteiras entre essas áreas tem se tornado cada vez mais imprecisas e fugidias, o método cartográfico se torna importante referente para abordar nesta pesquisa as relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, jogos de verdades, objetivação e subjetivação, produções e estetizações de si mesmo e do outro, práticas de resistência e liberdade, a pesquisa em arte a partir da perspectiva arte-vida-pesquisadora.

Dessa forma construo caminhos e mapas do imaginário amazônico contemporâneo em sonho, pista, vestígio e devir, num acervo constituído por obras de arte, registros, performances, imagens, textos, hipertextos, processos ou vivências cotidianas que instauram, narram e recriam a realidade das pessoas e dos lugares onde nos inserimos, agenciando territorialidades a partir de corpos em constante movimento.

Um percurso sobre saber cair sem colapsar, experienciar às mudanças radicais que o pensamento feminista, *queer* e decolonial têm proposto. Vivenciar os ciclos de morte e vida, noite e dia, que dizem respeito às constantes transformações que permeiam tudo o que há, é uma trilha no desejo de as pistas ancestrais que resistiram a devoração e gradual desencantamento do mundo, pois se vamos cair, que seja uma queda linda, uma queda potente e que estejamos de olhos bem abertos, conscientes da vertigem que é o mergulho no ar.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. O ar e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

BACON, Francis. **Temporis Masculus Partus**. Disponível em:

<<http://www.archive.org/stream/worksfrancisbaco07bacoiala#page/n11/mode/2up>>

Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. 2003. Tradução de: ROCHA, Thereza. Revista Vazantes, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 7-34, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Fabio Fonseca de. **Entre o Mito e a Fronteira**: estudo sobre a figuração da Amazônia na produção artística contemporânea de Belém. Belém: Edição do Autos, 2011.

COESSENS, Kathleen, Anne Douglas, and Darla Crispin (2009) **The Artistic Turn**: A Manifesto, Orpheus Research Centre in Music Series, 1, Leuven: Leuven University Press. p.91

COSTA, Marcondes Lima da; SILVA, Anna Cristina Resque Lopes da; e ANGÉLICA, Romulo Simões. **Muyrakyta ou muiraquita: um talismã arqueológico em jade procedente da amazônia**: aspectos físicos, mineralogia, composição química e sua importância etnogeológica. Manaus: in ACTA Amazônica vol.32 no.3, p. 467-490 jun./set. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v32n3/1809-4392-aa-32-3-0431.pdf>> Acesso em 10 mai. 2019, 03:44:09.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

FILHO, Kleber Prado e TETIA, Marcela Montalvão. **Cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Santa Cruz do Sul, in Barbarói n.38, p.45-59, jan./jun. 2013. Disponível em < <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471/2743> > Acesso em: 05 ago. 2018, 23:40:05

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985, p.42.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.  
LISPECTOR, Clarice. Persona. In \_\_\_\_\_. A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro, Rocco, 1999. p. 79-81.

PAIM, Claudia. **Táticas de Artistas na América Latina**: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino, in: Organon: Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Volume 27. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Nº 52, 2012, p. 233 – 261.

SONTAG, Susan. **Sobre coragem e resistência** – discurso de abertura do prêmio Oscar Romero. In: \_\_\_\_\_. Ao mesmo tempo. Trad. David Rieff. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 190-201.

\_\_\_\_\_. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WORKMAN, Dion. **Uma Introdução ao pensar como floresta**. Tradução Jorge Mena Barreto. 2015. Disponível em <<http://files.cargocollective.com/556035/FLORESTA.pdf>> Acesso em: 05 ago. 2019, 20:26:05.

---

<sup>1</sup> Conceito desenvolvido na minha dissertação de mestrado “Identidades Submersas: mulheres presas” para a Universidade Federal do Para, onde pesquisei as relações presentes entre fotografia e identidade a partir das histórias de vida e relatos orais das internas do Centro de Reeducação Feminino – CRF, então único presídio feminino do estado do Para.